II ENCONTRO CIENTÍFICO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS DA UNIVERSIDADE UNOPAR ANHANGUERA DE LONDRINA
20 A 24 DE OUTUBRO DE 2025

Esporotricose: uma análise sobre a doença, suas formas de manifestação, epidemiologia e estratégias de controle.

Autor(res)

Bárbara Giglio Pires
Maria Caroline De Souza Delong

Categoria do Trabalho

Trabalho Acadêmico

Instituição

FACULDADE ANHANGUERA

Introdução

A esporotricose é uma infecção causada por fungos do gênero Sporothrix e, por ser uma importante zoonose, é uma questão de saúde pública. O Sporothrix brasiliensis, é a espécie conhecida mais virulenta, quando comparada com outras espécies como o Sporothrix schenckii.
Reconhecida como uma doença ocupacional associada a atividades rurais ou agrícolas. Infecções por esse fungo têm-se tornado frequentes nas últimas décadas, especialmente no Brasil devido ao clima favorável para o desenvolvimento do fungo. Os gatos são o principal veículo na cadeia de transmissão, responsáveis frequentemente pela inoculação do fungo em humanos e outros animais através da arranhadura, entretanto, essa não é a única forma de infecção pelo agente em animais e humanos.
A esporotricose possui muitos sinais clínicos variando de lesões cutâneas localizadas a disseminados além de comprometimento sistêmico. Com uma demora na detecção e o tratamento, as complicações podem ser graves, torna-se necessário uma educação adequada sobre a causa, sintomas, efeitos e epidemiologia.
Portanto, torna-se importante o reconhecimento precoce das lesões características que indicam a infecção fúngica, assim como a epidemiologia envolvida e as ações de prevenção e controle.

Objetivo

Analisar os aspectos clínicos, etiopatogênicos, formas diagnóticas e terapêuticas e epidemiologia, relacionando a importância dos felinos epidemiologia da doença.

Material e Métodos

A pesquisa foi realizada utilizando análise bibliográfica de literatura, estudos científicos, teses, dissertações e documentos oficiais publicados por organizações de saúde nos anos de 2015 a 2025. Foi utilizado como meio de pesquisa PubMed, SciELO, LILACS e Google Scholar, com palavras-chave descritivas, entre elas "esporotricose", "Sporothrix brasiliensis", "esporotricose felina", "tratamento da esporotricose", "epidemiologia da esporotricose". O material escolhido para o resumo incluiu: o que causa a esporotricose, quais vias podem estar envolvidas na transmissão, apresentações em humanos e animais, métodos de diagnóstico e protocolos de tratamento.

Resultados e Discussão

A esporotricose é causada por fungos do gênero Sporothrix, sendo S. brasiliensis o agente etiológico prevalente na esporotricose felina no Brasil (Tóffoli, et al., 2022), podendo ocorrer naturalmente no solo por espinhos ou farpas, humanos se infectam principalmente por inoculação do fungo. A infecção zoonótica em áreas urbanas, tem atualmente o gato como principal transmissor da doença (Brasil, 2025).

Como os gatos infectados são os principais responsáveis pela transmissão, devido à alta carga fúngica cutânea e mucosa presente nos animais infectados, especialmente na cavidade oral e nas unhas. Gatos infectados geralmente causam a contaminação mais frequente em humanos: sua mordida ou arranhão, ou mesmo o contato com suas lesões, pode levar à infecção. (Gontijo et al.,2011).

As manifestações clínicas humanas são diversas. O subtipo mais comum é a linfocutânea, que produz manchas nodulares ulceradas que aparecem no local da inoculação e seguem o trajeto dos vasos linfáticos. Outras formas incluem cutânea a lesão inicial pode evoluir para ulceração, com bordas irregulares e tamanhos variados,ou aspecto verrucoso.Cutânea disseminada múltiplas lesões em diferentes partes do corpo. Mucosa embora qualquer mucosa possa ter Sporothrix a ocular é a mais comum, a segunda mais acometida é a nasal e existem relatos de lesões no palato, faringe e traqueia. Osteoarticular geralmente é unifocal com mais riscos em lesões nas extremidades. Sistêmica é a mais rara e nela há acometimento de outros orgãos com ou sem lesões cutâneas. (Orofino, et al., 2022)

As pessoas com maior risco de contrair a espotricose são jardineiros, agricultores, paisagistas, veterinários, donos de animais de estimação ou aqueles que entram em contato com gatos de vida livre ou doentes (Brasil, 2025). O diagnóstico laboratorial da esporotricose pode ser realizado por cultura fúngica, pus ou biópsia (Barros, et al., 2011)

Outros métodos incluem histopatologia, que pode revelar corpos asteroides ou células semelhantes a leveduras em lesões; sorologia, útil para diagnosticar formas disseminadas ou casos em que a cultura é negativa; e metodos como reação em cadeia da polimerase (PCR) por demostrar ser mais sensíveis e específicas para identificar a espécie Sporothrix e Teste de suscetibilidade a antifúngicos (TSA) (Orofino, et al., 2022). Para formas cutâneas, o tratamento usual é itraconazol por 3 a 6 meses, enquanto formas graves requerem terapias mais longas e ocasionalmente combinações de antifúngicos. Gatos doentes são difíceis de manejar; os medicamentos de escolha são itraconazol para esporotricose linfocutânea e cutânea com e o fluconazol é o tratamento de segunda linha e deve ser usado somente se o paciente não tolerar o itraconazol já para esporotricose extracutânea e disseminada pode ser usado anfotericina B como tratamento (Kauffman, et al., 2000) e a retirada precoce dos medicamentos pode causar resistência erecorrência da doença.

A prevenção e controle da doença dependem da educação pública, diagnóstico precoce em pessoas e animais, castração e tratamento de gatos infectados(Schechtman et al., 2022).Os achados desta revisão de literatura mostram ainda uma mudança distinta no quadro epidemiológico da esporotricose, de uma micose relacionada ao solo para uma zoonose urbana onde os gatos são considerados a principal via de transmissão(De Oliveira et al., 2021). A grande carga fúngica presente em gatos doentes, especificamente em suas lesões ulceradas, justifica seu lugar como fonte infecciosa. A esporotricose é uma zoonose que vem sendo negligenciada, o gato é a espécie animal mais acometida(Assis, et al., 2022). Um diagnóstico tardio em gatos, frequentemente associado à falta de conhecimento dos proprietários, leva tanto à progressão da doença no animal quanto à perpetuação da cadeia de transmissão, cabe aos medicos veterinários estarem aptos a orientar os proprietários sobre a importância dessa doença como zoonose. (Xavier et al., 2004).

Conclusão

A esporotricose está se tornando uma crise de saúde pública, com a zoonose transmitida por gatos se

solidificando como a principal forma de contágio em áreas urbanas. Atualmente, a transmissão é mais comum através de mordidas e arranhões de gatos doentes. O diagnóstico e cuidado precoces de humanos e animais são importantes para controle da doença. As estratégias de saúde pública devem se concentrar em aumentar a conscientização da população para agir junto com o conceito de Saúde Única, manejo adequado de animais doentes e adoção de medidas de biossegurança por profissionais e proprietários.

Referências

Assis, G. S., Romani, A. F., de Souza, C. M., Ventura, G. F., Rodrigues, G. A., & Stella, A. E. (2022). Esporotricose felina e saúde pública. Veterinária e Zootecnia, 29, 1-10. Disponível em: https://rvz.emnuvens.com.br/rvz/article/view/594.

BRASIL. Ministério da Saúde. Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Esporotricose. Brasília, DF, 2025. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/esporotricose/.

BRASIL. Ministério da Saúde. Esporotricose Humana. Brasília, DF, 2025. Disponível Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/e/esporotricose-humana.

Carol A. Kauffman, Rana Hajjeh, Stanley W. Chapman, Mycoses Study Group, Diretrizes de prática para o tratamento de pacientes com esporotricose, Clinical Infectious Diseases , Volume 30, Edição 4, abril de 2000, Páginas 684–687, https://doi.org/10.1086/313751

DE OLIVEIRA BENTO, Aurélio et al. The spread of cat-transmitted sporotrichosis due to Sporothrix brasiliensis in Brazil towards the Northeast region.
PLoS Neglected Tropical Diseases, v. 15, n. 8, e0009693, 2021.

GONTIJO, Bernardo B. et al. Esporotricose e Leishmaniose Tegumentar em cães e gatos: semelhanças e diferenças. PUBVET, Londrina, v. 5, n. 38, p.1-19, 2011.

SCHECHTMAN, Regina Casz et al. Esporotricose: hiperendêmica por transmissão zoonótica, com apresentações atípicas, reações de hipersensibilidade e maior gravidade.
Anais Brasileiros de Dermatologia, v. 97, n. 1, p. 1-13, jan./fev. 2022.

Silva, I. T. D. (2018). Caracterização de novas espécies de Sporothrix.

Tóffoli, E. L., Ferreira, F. D. M. S., Cisi, V. L., & Domingues, L. M. (2022). Esporotricose, um problema de saúde pública: Revisão. Pubvet, 16(12), e1280-e1280.

Xavier, M. O., Nobre, M. D. O., Sampaio Junior, D. P., Antunes, T. D. Á., Nascente, P. D. S., Sória, F. B. D. A., & Meireles, M. C. A. (2004). Esporotricose felina com envolvimento humano na cidade de Pelotas, RS, Brasil. Ciência Rural, 34, 1961-1963